



Ensino de História e a linguagem fílmica: possibilidades e limites

The teaching of History and the filmic language: possibilities and limits

Enseñanza de Historia y el lenguaje fílmico: posibilidades y límites

Antonio Ivanilo Bezerra de Oliveira¹

Doutorando pela Universidade Federal do Ceará e Professor da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, Fortaleza/CE, Brasil

Fátima Maria Leitão Araújo²

Professora da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil

Luiz Botelho Albuquerque³

Professor da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil

Recebido em: 16/05/2018

Aceito em: 06/02/2020



10.34019/1984-5499.2020.v22.19040

Resumo

O presente artigo tem como objetivo principal oferecer aos professores de História suporte teórico e prático para utilização dos filmes do cinema em sala de aula, destacando suas possibilidades e limites. A temática torna-se relevante, no momento em que se observa um alto número de docentes utilizando esse recurso em suas práticas de ensino. A partir desse contexto, questiona-se sobre quais cuidados os professores precisam tomar no trabalho com o documento cinematográfico. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica e de campo enfocando autores como Mocellin (2009), Bittencourt (2011), Napolitano (2013), dentre outros. Já a pesquisa de campo se deu através de entrevistas com professores de História que atuam nos anos finais do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza (Ceará) e que fazem uso do cinema em suas práticas de ensino. A pesquisa evidenciou que a utilização dos filmes do cinema pode potencializar o processo de ensino e de aprendizagem, se os professores atentarem para os pressupostos teórico-metodológicos de sua utilização.

Palavras-chave: Ensino de História. Cinema. Práticas de ensino.

The main objective of this article is to offer History teachers theoretical and practical support for the use of movies in the classroom, highlighting their possibilities and limits. This topic becomes relevant when a vast number of teachers are using this resource in their teaching practices. From this context, questions about what kind of precautions teachers need to take in order to work with movies arise. A field and a bibliographical research was held focusing on authors such as Mocellin (2009), Bittencourt (2011), Napolitano (2013), among others. The field research was conducted through interviews with History teachers who work in the final years of elementary education at the Municipal Education Schools of Fortaleza in Ceará, and who make use of movies in

¹ E-mail: ivanilobezerra@yahoo.com.br

² E-mail: fatima.leitao@uece.br

³ E-mail: luizbotelho@ufc.br

their teaching practices. The research revealed that the use of movies can enhance the teaching and learning process if teachers pay attention to the theoretical and methodological assumptions of their use.

Keywords: Teaching History. Movies. Teaching practices.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo principal ofrecer a los profesores de Historia soporte teórico y práctico para la utilización de las películas del cine en el aula, destacando sus posibilidades y límites. La temática se vuelve relevante, en el momento en que se observa un alto número de docentes utilizando ese recurso en sus prácticas de enseñanza. A partir de ese contexto, se cuestiona sobre cuáles los cuidados los profesores necesitan tomar en el trabajo con el documento cinematográfico. Para ello, realizamos una investigación bibliográfica y de campo enfocando a autores como Mocellin (2009), Bittencourt (2011), Napolitano (2013), entre otros. La investigación de campo se dio a través de entrevistas con profesores de Historia que actúan en los años finales de la enseñanza fundamental de la Red Municipal de Enseñanza de Fortaleza (Ceará) y que hacen uso del cine en sus prácticas de enseñanza. La investigación evidenció que la utilización de las películas del cine puede potenciar el proceso de enseñanza y de aprendizaje, si los profesores atenten para los presupuestos teórico-metodológicos de su utilización.

Palabras clave: Enseñanza de Historia. Cine. Prácticas de enseñanza.

Introdução

Reunindo em torno de si elementos de distração, fascinação, comoção, emoção, indignação e sensibilização, o cinema vem, desde o início do século XX, sendo objeto de estudos sobre a sua constituição como arte e meio de comunicação e de ideologias. No meio educacional, é apontado em vários estudos como o documento imagético mais utilizado por professores em suas práticas de ensino, fato comprovado por inúmeros trabalhos na área de metodologias de ensino apresentados em eventos acadêmicos como congressos, seminários, entre outros.

Napolitano (2013) afirma que a disciplina de História é a mais afeita com as atividades do cinema. O autor considera os filmes históricos⁴ como os mais consagrados na história do cinema mundial. Para tanto, basta lembrarmos de produções como “300” (2007), “Cruzada” (2005), “Troia” (2004), “Gladiador” (2000), “A lista de Schindler” (1993), além de produções nacionais como “O que é isso, Companheiro?” (1997), “Carlota Joaquina, a princesa do Brasil” (1995), só para citar alguns exemplos de filmes que levaram milhões de pessoas aos cinemas.

Entretanto, alguns questionamentos sobre o uso do cinema no meio escolar se fazem pertinentes: o professor pode utilizar todo e qualquer filme em sala de aula?; Se faz necessário um planejamento prévio das atividades a serem realizadas?; O conteúdo a ser trabalhado diz respeito apenas às imagens que constituem a obra cinematográfica ou é necessário atentar para outros

⁴ Filmes que abordam em seus roteiros, temáticas baseadas em acontecimentos históricos.

elementos?; O uso do cinema no ambiente escolar serve apenas para ilustrar um conteúdo trabalhado?; Que atividades são necessárias para serem desenvolvidas com os alunos mediante à assistência do filme? Estas e outras questões serão pontuadas no decorrer deste artigo que tem como objetivo principal: refletir sobre as possibilidades e os limites que os filmes do cinema podem oferecer à prática pedagógica dos professores de História.

O surgimento do cinema e seu uso ideológico

Reconhecendo a importância do cinema como objeto de nosso estudo, compreendemos ser relevante conhecer como se deu o surgimento da técnica de produção de filmes.

Data de 1895, no *Grand Café* em Paris, a exibição das primeiras imagens cinematográficas produzidas pelos irmãos *Lumière*⁵ – considerados os inventores do cinema – através do uso do cinematógrafo, como era chamada uma câmera que filmava e projetava filmes. Apesar de o surgimento do cinema dá-se dentro de um contexto marcado pelo avanço científico e do aperfeiçoamento tecnológico do final do século XIX, nas décadas seguintes foi verificado certo desprezo das elites intelectuais da Europa e dos Estados Unidos pela inovação, haja vista ser considerada uma diversão popular. Mocellin (2009) considera que o descaso inicial do mundo acadêmico e intelectual com o cinema e sua aceitação popular possibilitou o uso de sua técnica no cenário político. Neste sentido é que as imagens do cinema foram utilizadas como propaganda ideológica na Rússia revolucionária e, posteriormente, pelos nazistas alemães como elemento propagador de seus ideais. Nas palavras de Ferro (1992, p. 13-14), “desde que os dirigentes de uma sociedade compreenderam a função que o cinema poderia desempenhar, tentaram apropriar-se dele e pô-lo a seu serviço”.

A esse respeito, Barcala (2016, p. 2, grifo do autor) salienta que “os filmes históricos, muitas vezes, são influenciados ou contaminados por ideologias, impregnando-se de determinadas mensagens políticas, como toda produção cultural, e o espectador deve estar atento a essas ‘contaminações’”. Vale ressaltar ainda que o filme constitui-se um produto de mercado, sendo assim, passível a fatores diversos como interesses comerciais, patrocínio, divulgação e outros.

Mocellin (2009) propõe elementos de discussão sobre teorias que, segundo o autor, explicam as ideologias contidas nos filmes do cinema. Para tanto, trabalha com os conceitos de “indústria cultural”,

⁵ Os irmãos franceses Auguste (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948) eram engenheiros e herdeiros de uma fábrica de películas fotográficas.

com base nos estudos de Theodor Adorno e Max Horkheimer e de “hegemonia cultural”, em Antonio Gramsci. Embora o cerne deste artigo não seja os aspectos constituintes dos filmes do cinema, reconhecemos a importância de mencionar, embora de forma abreviada, alguns elementos dos quais estão carregados os filmes para o professor entender os suportes ideológicos presentes nas produções cinematográficas e, assim, melhor trabalhar esse recurso pedagógico com seus alunos.

Na obra “Dialética do Esclarecimento”, os filósofos Adorno e Horkheimer apresentam o conceito de Indústria Cultural como um mecanismo utilizado pelo capitalismo que utilizava os bens culturais das sociedades para transformá-los em mercadorias, visando o lucro, não permitindo a autonomia crítica das pessoas, e sim a sua manipulação através dos interesses da classe dominante, detentora dos meios de comunicação.

Neste sentido, o cinema como meio de comunicação começa a ser fortemente influenciado pela indústria cultural ao apresentar em seus enredos hábitos de consumo e formas de viver que condiziam com os interesses da classe dominante, nesse caso, uma minoria responsável pelos ditames do sistema capitalista. Isso fazia com que o espectador do filme, mesmo de forma inconsciente, reproduzisse em sua própria vida aspectos observados na película. Nas palavras de Adorno e Horkheimer (1985, p. 119):

Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exatos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade. Atualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos [...] paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objetiva.

Para os autores citados acima, os filmes do cinema, frutos da indústria cultural, faziam com que os espectadores se tornassem passivos e apáticos às reais necessidades de suas próprias vidas e aos elementos que o conduziriam a uma forma plena de cidadania, pois estariam distraídos pelas necessidades criadas e satisfeitas dentro do próprio sistema capitalista (MOCELLIN, 2009). Nesse contexto, os filmes do cinema possuem grande poder de reforçar conceitos e estilos de vida a serem seguidos pelos espectadores sem a necessidade de se fazer uma reflexão de suas escolhas. Conforme Mocellin (2009), é através de mensagens subliminares que se transmitem as ideologias e valores nos filmes do cinema.

Na mesma linha de pensamento, Gramsci, ao escrever os seus “Cadernos do Cárcere”, apresenta a noção de hegemonia cultural, entendida como a dominação moral e intelectual de uma classe dominadora em relação a uma classe dominada por meio do senso comum que despreza o processo de

reflexão na tomada de decisões dos indivíduos. Entendia Gramsci que somente através de um processo educacional, que promova a emancipação humana, poder-se-á romper com o senso comum e o domínio ideológico das massas, ou seja, na efetivação de uma prática que se contraponha à cultura hegemônica.

A partir do que foi apresentado sobre as ideias dos pensadores citados, acreditamos que o papel do professor se reveste de um grande potencial para munir os seus alunos de instrumentos que os possibilitem fazer uma leitura crítica dos filmes trabalhados em sala de aula, buscando a compreensão sobre as ideologias presentes, os silêncios e as lacunas subjacentes a essa linguagem, a partir do exercício da reflexão e do debate, uma vez que “se todo conhecimento é poder, como propôs Gramsci, munir os alunos de conhecimentos suficientes para entender como a ideologia é manipulada, inclusive pelo Estado, através dos meios de comunicação, é também dar à sociedade o poder de entender e mudar as estruturas sociais, a cultura e as relações socioculturais” (MOCELLIN, 2009, p. 32).

As primeiras experiências do cinema na sala de aula

Data das primeiras décadas do século XX o uso de filmes como material didático. Em 1938, Elizabeth Laine publicou nos Estados Unidos os resultados de estudos envolvendo imagens e sons no processo educativo. Mocellin (2009) esclarece que a metodologia desses estudos dava-se por meio da comparação entre classes de alunos que haviam utilizado esses meios com as que não haviam. Os resultados demonstraram um aumento de retenção do aprendizado entre 20% e 27% das classes em que haviam sido utilizados os sons e as imagens do cinema em detrimento das que não utilizaram.

No Brasil, foi através dos intelectuais da Escola Nova⁶ que vimos surgir as primeiras experiências com o uso do cinema na escola. Para Abud (2003), os defensores escolanovistas sugeriram a utilização de recursos audiovisuais, sobretudo o cinema, como uma maneira de estimular e tornar o processo de aprendizagem interessante para o aluno. É o que lemos nas “Instruções Metodológicas”, elaboradas para auxiliar a aplicação dos programas de História nas escolas secundárias as quais “alegavam que os adolescentes tinham uma curiosidade natural pela imagem, e que por esse motivo os recursos tecnológicos deveriam ser utilizados no ensino secundário” (ABUD, 2003, p. 186).

Desde o início do século passado, mais precisamente no ano de 1912, que o professor de História do Colégio Pedro II e autor de livros didáticos Jonathas Serrano recorria a filmes de ficção ou

⁶ Movimento também conhecido como Escola Progressiva que, de modo geral, representava a ruptura com as práticas pedagógicas tradicionais centradas no professor, este entendido como o transmissor do conhecimento.

documentários para mediar o ensino e o aprendizado de sua disciplina. Para o professor Serrano, o uso dos filmes na sala de aula faria com que se renovassem os métodos de ensino baseados na memorização e que os alunos poderiam aprender “pelos olhos e não enfadonhamente só pelos ouvidos, em massudas, monótonas e indigestas preleções” (SERRANO *apud* BITTENCOURT, 2011, p. 372). O filme, utilizado nesse contexto, tinha o caráter de “fazer voltar ao passado” (grifo nosso), ou nas palavras do próprio Serrano: “Graças ao cinematógrafo, as ressurreições históricas não são mais utopia” (*ibid*).

Pelo que lemos anteriormente, podemos perceber um uso limitado do cinema como recurso pedagógico, com ressalvas às conjunturas sociais e históricas dos períodos retratados. Embora considerado uma inovação, ambas as experiências com o cinema foram duramente criticadas com o passar dos anos pelos especialistas na área. É o que veremos a seguir.

Pressupostos teórico-metodológicos para o uso do cinema no ensino de História

Estudiosos do uso do cinema como recurso didático nas aulas de História alertam para o fato de tentar superar as ressurreições históricas, conforme propunha o professor Serrano, e pensar o filme como um elemento de representação de um dado acontecimento histórico, imbricado de posicionamentos políticos e ideológicos de seus idealizadores.

Bittencourt (2011) enfatiza que data das décadas de 1960 e 1970 o início dos estudos sobre a iconografia cinematográfica, acompanhado dos debates que destacavam a importância da diversificação das fontes a serem utilizadas na pesquisa histórica. A autora aponta os historiadores franceses Marc Ferro e Pierre Sorlin como os pioneiros nos estudos sobre cinema e história em seu país. “Ambos se detiveram, sobretudo, na natureza da imagem cinematográfica, reconhecendo a complexidade do objeto que buscavam analisar, e introduziram métodos para uma efetiva crítica de fontes audiovisuais” (BITTENCOURT, 2011, p. 373).

Para Ferro (1976, 1992), o filme é uma fonte para entendermos os comportamentos, as visões de mundo, os valores, as ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. Sorlin (1994) adverte sobre a importância de o historiador/professor levar em consideração o conjunto de elementos que compõem um filme, a saber: sons, vozes, cantos, palavras, músicas instrumentais e ruídos. Em síntese, o trabalho com o filme iria além da sua narrativa e contemplaria a análise dos elementos que o compõem.

Partindo desse pressuposto, “[...] a leitura do filme deve-se ater a cada elemento constitutivo da arte cinematográfica, às técnicas de sua produção, aos grupos sociais que interagem em sua elaboração,

à política cultural, à sociedade que a produz e a consome, atentando para todas as variáveis sociais, culturais e ideológicas” (BITTENCOURT, 2011, p. 374). Em outras palavras, o professor ao trabalhar com o documento fílmico deverá analisar os elementos do “que é filme” (planos, ângulos...) com o que “não é filme” (produção, público, crítica etc.), conforme sugere Ferro (1992).

Os resultados das análises de Ferro (1976, 1992) e Sorlin (1994) evidenciaram que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, mas a reconstrói com base em uma linguagem própria, produzida em determinado contexto histórico. E, muitas vezes, reflete os anseios do mercado consumidor da época em que foi produzido. Nas palavras de Kornis (2008, p. 10), o filme é “um documento histórico de seu tempo [...] uma vez que é produzido sob um olhar presente”.

Na mesma linha de pensamento, Napolitano (2013, p. 38) afirma que os filmes, geralmente, “revelam muito mais sobre a sociedade contemporânea que o produziu do que sobre o passado nele encenado e representado.” A essa questão merece ser destacado o que estabelece o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

[...] um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que à época que retrata. [...] Todo o esforço do professor pode ser no sentido de mostrar que, à maneira do conhecimento histórico, o filme também é produzido, irradiando sentidos e verdades plurais (BRASIL, 1998, p. 88).

Aqui cabe ao professor evitar duas situações que o uso do cinema poderá trazer para o trabalho em sala de aula, caso o docente não atente para as especificidades do documento cinematográfico.

A primeira delas diz respeito ao anacronismo que “ocorre quando os valores do presente distorcem as interpretações do passado e são incompatíveis com a época retratada” (NAPOLITANO, 2013, p. 38). É certo que os filmes não têm a obrigação de trazerem os acontecimentos históricos tais quais são apresentados pela historiografia oficial, pois eles foram produzidos para atender aos anseios da contemporaneidade e a seus respectivos valores. Entretanto, ao lançar mão de roteiros de temáticas históricas, o professor deverá problematizar as possíveis distorções que se apresentem, para que os alunos não entendam o documento fílmico como a representação da verdade.

Como ressonância desta primeira questão problemática, entramos na segunda situação que deverá ser evitada pelo professor no uso dos filmes no cenário escolar – a da super-representação fílmica. Napolitano (2013, p. 39) chama esse fenômeno de efeito túnel do tempo, pois “essa experiência pode induzir a uma assimilação direta da representação fílmica como simulacro da realidade histórica”. Em outras palavras, os alunos poderão considerar a narrativa fílmica apresentada como uma encenação

real do acontecimento histórico estudado.

Observa-se que, a partir dos anos 1980, os filmes passaram a ser utilizados como fonte para a história contemporânea por meio da iniciativa de historiadores estadunidenses, ao empreenderem uma maior investigação sobre a história do cinema dos Estados Unidos e sobre sua conhecida indústria cinematográfica. Neste sentido, convém lembrar que os estúdios de *Hollywood* – um distrito da cidade de Los Angeles, no Estado da Califórnia – produzem e distribuem filmes para o mundo inteiro devido ao seu grande aparato técnico e aos seus orçamentos milionários. Esse fenômeno acontece desde o final da Primeira Guerra Mundial, quando houve a decadência do cinema europeu, sobretudo o italiano e o francês. Atualmente, *Hollywood* é responsável por 75% do mercado internacional de cinema através de um inteligente sistema de distribuição e suporte publicitário (MOCELLIN, 2009).

Mocellin (2009, p. 30) explica que o sucesso internacional dos filmes *hollywoodianos* dá-se devido “ao seu caráter universal e transparência narrativa, que fazem com que sejam apreciados por populações diversas como se eles fossem nativos”. Em nosso país, os filmes de *Hollywood* ocupam posição privilegiada de exibição nas salas de cinema e nas programações de TV aberta e paga, o que limita muito as opções dos espectadores, pois lhes restringem as oportunidades de conhecerem outras produções e estilos cinematográficos como o cinema europeu, africano, asiático e, principalmente, o cinema nacional.

No Brasil, apesar da supremacia do cinema estadunidense, também é notório o aumento de produções cinematográficas nacionais que abordam temáticas históricas. Muitas delas tornaram-se campeãs de bilheteria, o que representa um ponto positivo, visto que levam ao conhecimento do grande público as representações da nossa História, oferecendo mais possibilidades de recursos aos professores no trabalho de sala de aula.

Entretanto, faz-se necessário enfatizar que o cinema brasileiro enfrenta, historicamente, enormes dificuldades no que se refere à sua produção e exibição em salas comerciais, tendo que se sujeitar a lei de cotas para garantir a sua veiculação nesses espaços. Soma-se a isso o fato de que a maioria das salas de exibição está localizada dentro de *shoppings centers*, concentrados, principalmente, nas grandes cidades brasileiras. Este fato ajuda a explicar o porquê de milhares de cidades não possuírem, sequer, uma sala de exibição de filmes.

Diante desse contexto, torna-se importante que o professor de História possa, sempre que possível, levar ao conhecimento dos alunos obras do cinema nacional para serem trabalhadas em sala de aula, contribuindo, assim, para a divulgação desses filmes. E, também, para possibilitar aos alunos o

conhecimento de outras formas de fazer cinema, quebrando, dessa forma, o paradigma do senso comum de que filme bom é o americano e que filme brasileiro é de baixa qualidade.

Dando continuidade aos pressupostos teórico-metodológicos para a utilização de filmes no ambiente escolar, Napolitano (2013) considera importante que o professor de História atente para o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias para que não ocorra o que o autor chama de bloqueio pedagógico, isto é “a não assimilação de um filme em consequência da precipitação em exibí-lo para uma classe que não estava devidamente preparada para aquele tipo de trama e conteúdo, seja por limites culturais, morais ou religiosos.” (NAPOLITANO, 2013, p. 20).

Do mesmo modo, o professor deverá sondar os interesses dos alunos enquanto espectadores (conhecer os tipos de filmes mais vistos, suas preferências em relação ao gênero – terror, suspense, romance etc. –, o que valorizam mais: se a interpretação dos atores ou o conteúdo desenvolvido) e, a partir desses questionamentos, oferecer informações sobre a linguagem específica do filme enquanto documento histórico.

Reforçando o que já foi mencionado, o professor deverá começar seu trabalho com o filme pela estrutura interna (conteúdo, personagens, acontecimentos principais, cenário, lugares, tempo em que decorre a narrativa etc.) para depois fazer o levantamento de informações acerca da produção do filme (diretor, produtor, música, técnica, contexto de produção etc.).

O professor Carlos Vesentini (2013) sugere uma metodologia para o uso do filme como complemento dos conteúdos abordados em sala de aula. Nessa perspectiva, os filmes podem ser recortados e apresentados aos alunos apenas as partes que mais interessam ao tema tratado.

Trata-se de subdividir o filme em vários blocos, em pequenas cenas, atendendo a interesses de conteúdo. É difícil sua efetivação em sala de aula, dado o tempo exigido. Mas por ela o professor amplia tanto o seu domínio sobre o filme quanto define melhor uma bibliografia de leitura prévia para o trabalho com o filme (VESENTINI, 2013, p. 165).

Para o autor, o recorte da obra cinematográfica em partes possibilitará uma melhor interação entre o professor, o filme e os alunos. Acreditamos que ao apresentar uma dada sequência ou mesmo uma única cena, o professor poderá detalhar melhor a composição dela, além de associá-la ao conteúdo estudado, o que poderá contribuir para um melhor entendimento por parte da turma. Contudo, alertamos que o modo de como exibir o filme (no todo, em fragmentos, realizando pausas em cenas específicas para intervenções...) vai depender dos objetivos propostos para a aula e cabe ao professor tomar essa decisão.

Neste sentido, com base nos pressupostos teórico-metodológicos que compõem a linguagem cinematográfica, apontados pelos teóricos mencionados nesta escrita, consideramos necessário elencar algumas orientações ao professor de História para que melhor utilize o cinema em suas práticas de ensino, quais sejam:

1. *Conhecer quais as possibilidades técnicas da escola para o trabalho com o filme.* Este ponto pode parecer banal, mas na realidade não é. Realizar todo o planejamento de aula com o cinema e, na hora marcada, descobrir que o aparelho de TV está quebrado, que o projetor de imagens não está disponível, que falta um cabo de transmissão de dados ou mesmo que falta uma tomada do tipo “T” para ligar os vários aparelhos no único local disponível na sala de aula, é frustrante. Por isso, não é perda de tempo checar esses elementos antes para evitar contratempos.

2. *Assistir ao filme antes de exibi-lo ou recomendá-lo aos alunos.* Esta tarefa faz com que o professor tenha certeza de que a obra cinematográfica escolhida serve aos objetivos propostos para a aula, se pode ser relacionado ao conteúdo histórico em estudo e, ainda, se é apropriado para a faixa etária da turma. Por exemplo, um filme que contenha cenas fortes de violência ou nudez excessiva deverá ser evitado em uma turma de adolescentes, sob o risco de não atender aos objetivos planejados e poder causar certos incômodos. Por isso, o bom planejamento do professor será fundamental para o êxito da atividade.

3. *Levar em consideração que o autor/diretor do filme faz um recorte do acontecimento histórico apresentado.* Essa atitude contribui para a análise do lugar social de quem produz a obra. É importante que o aluno compreenda que o filme é uma recriação do acontecimento histórico narrado, sob a ótica de seus idealizadores, e influenciada pelas escolhas e pelos pontos de vista de quem o produz. Por esta razão, queremos reforçar que o filme não pode ser visto como uma reprodução fidedigna do acontecimento histórico que apresenta, pois ele está suscetível a interesses da época de quem o produziu.

4. *Refletir sobre a forma da narrativa utilizada no filme.* Trata-se de uma obra de ficção? Um documentário? Um musical? É interessante que o professor domine, embora minimamente, os principais gêneros cinematográficos e suas características fundamentais e privilegie os seus usos na sala de aula como forma de enriquecer o repertório dos alunos. Nas palavras de Napolitano (2013, p. 57), “o professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao

trabalho”.

5. *Exibir o filme depois de iniciado o estudo de um determinado conteúdo.* Neste caso, o filme funcionaria como um recurso didático que auxiliaria o aluno no entendimento de determinada temática, além de ampliar o conhecimento a seu respeito. Caso o professor prefira exibir o filme antes de apresentar um novo conteúdo, ele poderá fazê-lo sem nenhum problema, pois “um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para incitar a curiosidade e a motivação para novos temas. Isso desperta o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria” (MORAN *apud* NAPOLITANO, 2013, p. 34).

No que concerne ao trabalho a ser desenvolvido com os alunos diretamente com o filme, propomos algumas sugestões de atividades, também com base nos estudiosos já mencionados:

a) *Elaboração de uma ficha técnica contendo os dados básicos do filme:* título, ano de produção, diretor, atores principais, época retratada, local das filmagens, livro em que o roteiro foi baseado, se for o caso... O uso da ficha com essas e outras questões que se apresentem como relevantes permite que o aluno sintetize os elementos principais que constituem a obra cinematográfica, auxiliando, assim, o seu entendimento.

b) *Registro dos elementos mais significativos percebidos no filme.* O registro poderá ser feito de forma escrita ou oral e poderá se centrar em aspectos como: cenários (ruas, casas, edificações variadas, cidades, paisagens, instrumentos etc.) e personagens (vestuário, hábitos alimentares, costumes, variantes linguísticas etc.).

c) *Relação dos aspectos mostrados no filme com o conteúdo histórico trabalhado em sala de aula.* Esta tarefa propiciará que o aluno encontre sentido na assistência do filme e que este poderá possibilitar o alargamento do seu repertório de conhecimento acerca do referido conteúdo.

d) *Síntese da obra assistida.* Essa síntese do filme poderá se dar por meio de diversas atividades, das quais destacamos: elaboração de um texto crítico sobre a obra assistida, proposição de atividades artísticas (montagens teatrais, confecção de paródias, desenhos etc.), realização de grupos de discussão, debates etc. O importante é que o professor planeje atividades (com sentido) para o momento pós-filme. Isso evita que a utilização dos filmes seja entendida como tapa-buracos ou para enrolar tempo de aula, discursos estes bem conhecidos nos corredores escolares.

Por fim, pensamos que sugestões como essas podem ajudar os alunos a consolidar as aprendizagens em História mediadas pelo uso de filmes do cinema.

O que pensam os professores acerca do uso do cinema em suas práticas de ensino?

Destacaremos nesta seção trechos de entrevistas⁷ realizadas com professores de História, que lecionam em turmas de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental em escolas da Rede Municipal de Fortaleza (Ceará) e que fazem uso do cinema em suas práticas de ensino, aos quais solicitamos que nos relatassem as contribuições que percebiam no uso de filmes em suas aulas.

Vale ressaltar que todos os sujeitos da pesquisa possuem mais de cinco anos de experiência no ensino de História e são concursados na referida rede de ensino. Para este trabalho utilizamos as falas de quatro deles (dois homens e duas mulheres). Por questões éticas, os docentes foram identificados através de letras. Assim, temos o Professor A, o Professor B, a Professora C e a Professora D. Vejamos o primeiro relato:

Eu acho que o cinema acaba ajudando a gente a superar certas barreiras. Quando eu venho para uma escola pública, seja onde for, eu sei que meu aluno não tem um nível econômico elevado que vai garantir que ele possa, por exemplo, a toda semana ir para uma exibição no cinema. Então é uma diversão, não deixa de ser aula, que envolve o filme, ela não é só didática, ela é divertida sim, quem disser que não é, está mentindo! Você está se arrumando para passar *slides* e os meninos: 'Tia, isso é filme?'. Aí o aluno nem se toca que o cinema está ajudando ele a aprender, mas está porque ele faz uma referência lá na frente do que você disse no começo da apresentação de um filme e, além de ajudar nisso, dessa quebra da barreira, a barreira do que é educar e do que é divertir, porque diverte e é encantador. Eu acho que também possibilita a gente, que é professor, a conseguir mostrar certas coisas que através de uma lousa, livro, um *slide*, não dá para mostrar. Por exemplo, você trazendo um filme sobre Roma, é diferente de você passar um *slide* ou ler o capítulo do livro didático sobre Roma. Você está vendo o sangue ali e o menino, 'Tia, era assim mesmo? Era meu filho!' A gente acaba dando uma exageradinha, um tempero a mais, que é para que o aluno se sinta interagindo e é bom por que... Cara, sem ser o livro didático, qual o outro recurso que a maioria dos nossos alunos têm acesso? (PROFESSORA D).

Interessante quando a Professora D traz em sua fala o aspecto da inserção social que a sua ação docente de levar o filme para a sala de aula propicia aos seus alunos de escola pública, localizada na periferia da cidade de Fortaleza, em que muitos deles, sequer, conhecem uma sala comercial de cinema. A própria professora chega a afirmar que a aula tem o tom de divertimento, pois foge do tradicional, do rotineiro e, ainda assim, consegue ser um recurso que contribui para a aprendizagem histórica por envolver os alunos com os conteúdos trabalhados.

⁷ As entrevistas ocorreram durante os meses de agosto e setembro de 2016 e são partes integrantes da Dissertação de Mestrado em Educação intitulada: *Ensino de História e Cinema: saberes e práticas de professores da Rede Municipal de Fortaleza-Ceará*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), de autoria de Antonio Ivanilo Bezerra de Oliveira, sob a orientação da Profª Dra. Fátima Maria Leitão Araújo. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20ANTONIO%20IVANILO%20BEZERRA%20DE%20LIV%20EIRA.pdf>.

Basicamente a questão de ser um recurso. O filme é um recurso, um recurso visual e auditivo importantíssimo. É uma linguagem que, às vezes, é até mais conveniente ao aluno, muitas vezes ele tem mais proximidade com o filme do que você está falando. E para fugir também do tradicional. [...] Então, isso é a preocupação que eu tenho porque a geração atual dos adolescentes é muito visual, muito visual mesmo! Não adianta o professor ficar só falando. Então eu me preocupo muito com essa questão das mídias e até falar em mídia, o próprio *Instagram* eu compartilho essas coisas relacionadas à História, e eles me seguem, para reforçar (PROFESSOR A).

O Professor A acredita ser importante o uso da linguagem cinematográfica em suas aulas, pois ela vem ao encontro dos anseios de seus alunos, que, em suas palavras, são adolescentes que vivem numa sociedade midiática, em que prevalece o visual, a imagem. Daí a necessidade de a escola se abrir para esse universo, sob pena de se tornar uma instituição obsoleta e aquém das necessidades dos alunos dos tempos hodiernos.

Pra mim, o cinema vai servir. Eu nem sei se seria o termo mais adequado, mais para consolidar as coisas, para o aluno conseguir visualizar aquilo de uma forma que não é só o professor falando. Eu acho que essa é uma das dificuldades que a gente tem em sala de aula, essa capacidade de abstração. De você compreender que existiram períodos que foram diferentes desse que estamos vivendo hoje, modos de vida que foram diferentes, modos de pensar que foram diferentes. Então você só falando para os alunos, principalmente os menores, do ensino fundamental, é mais complicado. Então quando eles visualizam, acho que é mais efetivo para você trabalhar, quando a gente consegue fazer essa visualização com eles. É sempre bom quando, por exemplo, eu estou dando aula e passei um filme naquela turma, e o aluno diz 'Ah, professora, isso aí estava naquele filme!' Ou então ele vê filme e comenta. Já recebi dicas de filmes de alunos! Eu passei "Tempos Modernos" sobre Revolução Industrial, aí o aluno 'Ah, professora, tem um filme também que eu acho que é sobre isso aí, que é o "Oliver Twist", aí eu digo: 'É! É exatamente isso!'. Aí ele me deu a dica: 'Tem Oliver Twist, a senhora já viu?' Eu não vi ainda, mas fiquei até de ir atrás de ver. É muito bacana quando o aluno consegue reconhecer ali no filme algum aspecto que a gente trabalha na sala. É muito gratificante (PROFESSORA C).

A Professora C aponta como uma importante contribuição dos filmes para a aprendizagem dos conteúdos históricos a interação entre professora e alunos, ao associarem cenas de filmes exibidos na sala de aula, e em outros espaços, com os conteúdos trabalhados. Assim como os professores D e A, a professora C também reconhece a contribuição dos filmes para a abstração e consolidação da aprendizagem por meio da visualização do documento cinematográfico, o que poderia ser prejudicada se fosse utilizada apenas a retórica do professor em sala. Vejamos, agora, o que diz o Professor B:

Primeiro, o filme, a intenção dele não é ser didático, um autor faz um filme, na maioria das vezes, para ser comercial, claro, só comercial. Então a gente, professor, pega esse filme e traz para a nossa realidade. Ninguém vai ser ingênuo de achar que o filme é uma aula, uma aula plena. Não é! O filme contribui com o que você deu, todos os filmes têm uma tendência muito forte, para um lado e para o outro, tem toda uma carga ideológica, então a gente vai tentando se equilibrar em todo esse cenário de coisas, a questão do que repassa, sutilmente do que repassa, portanto cabe ao professor esclarecer isso (PROFESSOR B).

Interessante o relato do Professor B por apresentar uma perspectiva de utilização do cinema no

ensino de História em plena consonância com a literatura levantada neste trabalho. Em suas palavras, fica muito claro que a intenção de um filme não é servir a uma função pedagógica. Como um objeto comercial, ele foi produzido para atender aos anseios de um público e da época atual e, para isso, carrega uma ideologia, uma verdade que pretende repassar.

Contudo, ao ser utilizado pelo professor em sala de aula, esse objeto passa a ser um recurso didático que vai contribuir para o processo de ensino e aprendizagem por meio da ação do professor, que vai lhe dar um viés pedagógico por meio de questionamentos e reflexões sobre o conteúdo nele contido. É nesta perspectiva que vislumbramos a força da linguagem fílmica no processo de ensino e de aprendizagem de História, onde o cinema é entendido não como a verdade, mas como uma representação do acontecimento histórico que orienta o seu roteiro e, assim como os textos escritos, deverá ser problematizado, questionado e refletido.

Considerações finais

Mediante o que foi discutido neste artigo, consideramos que, ao utilizar o cinema em suas práticas de ensino, o professor de História deverá atentar para que os alunos compreendam o documento cinematográfico como um produto a ser analisado, questionado e refletido e não como uma representação fiel do acontecimento histórico retratado.

Consideramos ainda que é inegável a forte influência que o cinema pode exercer no imaginário dos espectadores que se tornam, muitas vezes, seduzidos pelas ideologias presentes nos filmes. Desta forma, será de fundamental importância o papel do professor na condução da problematização das imagens do cinema em sala de aula, levando os alunos a perceberem e a questionarem as ideologias ali presentes.

Embora tenhamos focado na figura do professor de História do Ensino Fundamental, as recomendações e metodologias aqui dispostas certamente poderão ser utilizadas por docentes de qualquer outra disciplina, tanto na Educação Básica, quanto no Ensino Superior. Neste sentido, uma excelente possibilidade de trabalho com os filmes na escola poderia ser a realização de um projeto interdisciplinar em que cenas de um mesmo filme possam ser utilizadas e discutidas por professores de diferentes áreas. Certamente o ganho para os alunos seria bastante significativo por ampliar o repertório de conhecimentos destes acerca da(s) temática(s) abordada(s) pelo documento audiovisual trabalhado.

Para isso, torna-se imprescindível que os professores conheçam os pressupostos teórico-

metodológicos da linguagem fílmica, percebendo seus limites e possibilidades como recurso didático para assim constituírem saberes que sejam mobilizados em práticas significativas de ensino de História, como as relatadas pelos professores da Rede Municipal de Fortaleza.

Referências

ABUD, Kátia Maria. A construção de uma didática da história: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, São Paulo, n. 22, v. 1, p. 183-193, 2003.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARCALA, Valter Aparecido. **O cinema na sala de aula**: a reconstrução do cotidiano. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/barcala-valter-cinema-na-sala-de-aula.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história**: fundamentos e métodos. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: História. 5ª a 8ª séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FERRO, Marc. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J. ; NORA, Pierre (Orgs.). **História**: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KORNIS, Mônica Almeida. **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MOCELLIN, Renato. **História e cinema**: educação para as mídias. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SORLIN, Pierre. Indispensáveis e enganosas as imagens, testemunhas da História. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 81-95, 1994.

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O saber histórico na sala de aula**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 163-175.